

A experiência de Angicos

Luiz Lobo

Resumo

123

O governador Aluísio Alves lançou um programa de alfabetização em massa para o Estado do Rio Grande do Norte, obteve financiamento da Aliança para o Progresso e escolheu Angicos, a cidade onde nascera, para experimentar um método inovador e eficaz. Em janeiro de 1963, um grupo de 17 jovens universitários e 2 secundaristas chegou a Angicos para dar início aos círculos de cultura no lugar das salas de aula. No princípio, eram os debates sobre o que era parte da natureza e o que era feito pelo homem; depois, com as sílabas das palavras-geradoras, os participantes formavam suas palavras. Em 2 de abril, o encerramento com a presença do presidente da República e a comprovação da eficácia do Método Paulo Freire.

Palavras-chave: alfabetização de adultos; Angicos (RN); Método Paulo Freire.

Abstract

The experience of Angicos

The Governor Aluísio Alves launched a mass alphabetization program in the state of Rio Grande do Norte, which was financed by Aliança para o Progresso (in English, Alliance for Progress). He chose Angicos, the town where he was born, in order to experiment an innovative and effective method. In January of 1963, a group of 17 young college students and two high-school students arrived in Angicos to start the culture circles in place of the classrooms. At the beginning, there were debates about what was part of nature and about what mankind made. Then, with the syllables of the generative words, the participants would make up their own words. On the 2nd of April, the closing ceremony counted on the presence of the President of the Republic and on the confirmation of Paulo Freire's method effectiveness.

Keywords: alphabetization of adults; Angicos (RN); Paulo Freire's method.

O governador Aluísio Alves chamou para trabalhar com ele no Rio Grande do Norte com um projeto ousado na cabeça: queria instalar a primeira faculdade de jornalismo do Nordeste. Instalamos a Faculdade Elói de Souza. Eu fiquei na área da Educação, trabalhando com Calazans Fernandes, também jornalista, secretário da Educação.

Angicos, para mim, era um local ligado à morte de Lampião, mas sabia que não havia sido no Rio Grande. Na verdade, essa outra Angicos é uma cidade do interior, onde nasceu Aluísio. À época, tinha cerca de 70% de analfabetos, um dos maiores problemas da região.

Aluísio queria fazer um programa de alfabetização em massa, acreditando conseguir financiamento com a Aliança para o Progresso, então em grande atividade no Brasil, especialmente no Nordeste.

Calazans sugeriu chamar Paulo Freire, um educador católico de Pernambuco, que anunciava ser capaz de alfabetizar em apenas 40 horas de aula.

O governador pediu mais informação e soubemos que Paulo Freire havia feito uma experiência, razoavelmente bem sucedida, com porteiros da cidade do Recife, mas que preferia trabalhar com turmas mais homogêneas que aquela, que comportava gente de várias regiões do Estado e até do Ceará e da Paraíba.

Feitos os contatos iniciais, surgiram dois problemas: os monitores ideais seriam jovens universitários, voluntários que passariam por um período de preparação e ganhariam pelo serviço, mas deviam estar dispostos a ir para o interior com pouco ou quase nenhum conforto material. O perfil ideal de monitor já estava comprometido com outra experiência de alfabetização, comandada pelo secretário municipal de Natal, Moacyr de Góes, e com o prefeito Djalma Maranhão, que mantinha a campanha

De Pé no Chão Também se Aprende a Ler, mas usava métodos tradicionais de alfabetização.

Não sendo da terra, nem político, fui um dos encarregados de conversar com Djalma, que tinha a desconfiança dos aluizistas por ser da oposição e comunista. Excelente figura humana, apreciador de uma cachacinha, foi em torno desse tema que começou nossa conversa. Aluísio acenava com um programa grande, para alfabetizar 100 mil pessoas, o que, segundo ele, podia até mudar o eixo político no Estado.

Djalma concordou com isso, mas temia que Aluísio tomasse para si e para os americanos as glórias da realização.

O outro problema era o caderno de encargos da Aliança para o Progresso, com exigências totalmente descabidas para um Estado pobre. Eles queriam, por exemplo, um mapa com a localização e a concentração dos analfabetos em cada cidade. As exigências eram tantas e tais que, se o Rio Grande do Norte pudesse dar resposta correta e fornecer tantos dados, provavelmente não precisaria pedir ajuda.

Depois de muita conversa, Djalma transferiu o problema para o irmão, o presidente do partido, que estava na Paraíba. Mas (contra o voto de Moacyr) disse que concordava desde que Aluísio não colocasse placas com o dedão (o símbolo da sua campanha havia sido um polegar erguido) nem com qualquer referência à Aliança para o Progresso.

Aluísio concordou, mas foi consultar o povo da Aliança, que não se conformava em dar o dinheiro e não usufruir. O governador mostrou a eles que, com a força da mídia que controlavam, não seriam algumas placas que fariam a diferença. E perguntou, literalmente: "Vocês estão mais interessados na propaganda ou nos resultados?" Eles cederam.

Maranhão foi mais difícil, principalmente por conta do veto de Moacyr. O que acabou pesando na balança foi a atitude do pessoal católico, da Ação Popular (AP), que desconfiava de Aluísio, dos americanos, mas pensando pragmaticamente achava até engraçado usar os dólares para alfabetizar e conscientizar cidadãos. Porque o método não era só de alfabetização.

Calazans resolveu o problema do caderno de encargos com o jeitinho brasileiro: deu todas as informações pedidas, com detalhes, muita papelada e muitos mapas, inclusive da chamada rede viária...

Quando o material chegou à Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), Celso Furtado riu e comentou que aquilo tudo era peça de ficção. Foi convencido a tomar parte, sob a promessa de Calazans Fernandes produzir dois relatórios por mês: um para justificar os gastos junto à Aliança para o Progresso e outro, verdadeiro, para a Sudene, e ir, mês a mês, aproximando a ficção da realidade até poder fazer uma única prestação de contas. E fez mais: com a aprovação do governador, contratou uma equipe que havia trabalhado em São Paulo com o governador Carvalho Pinto, para dar as respostas corretas do caderno de encargos. Celso, por via das dúvidas, colocou um homem de confiança no Serviço Cooperativo de Educação do Rio Grande do Norte (Secern), organismo criado para operacionalizar

todo o esquema da alfabetização sem sofrer com a burocracia da Secretaria da Educação e do governo do Estado.

Os paulistas começaram logo a trabalhar e os relatórios a dar conta do trabalho: um de mentirinha e outro de verdade.

Angicos, por motivos óbvios, foi escolhida para ser sede da primeira experiência, que serviria como piloto. E lá se foram os 17 jovens universitários e, por falta de voluntários, mais dois secundaristas, em janeiro de 1963. Paulo Freire, na fase de preparação, insistia: vocês vão aprender tanto quanto ensinar e devem ficar bem abertos para os ensinamentos do povo, porque ele é sábio.

Acompanhei de perto a experiência de Angicos, como jornalista, contando com a desconfiança das moças e dos rapazes: minha origem era o jornal *Tribuna da Imprensa*, do Carlos Lacerda, que havia feito campanha contra a posse de Jango. Foi no jornal que conheci Aluísio, um dos diretores, e onde fizemos amizade. Acredito que os conquistei aos poucos, o que ficou consolidado com uma reportagem de página inteira contando a experiência que revolucionou a alfabetização, as 40 horas de Angicos. Também fiz o roteiro e dirigi um filme, em preto e branco, um documentário sobre aquela aventura de alfabetizar onde a iluminação era de candeeiro a gás.

126

A experiência de Angicos foi muito enriquecedora, menos do ponto de vista alimentar. Não era fácil comer mal todo dia e passar tanto tempo tendo como salada apenas cebola e tomate. Em compensação, saí enormemente enriquecido com a cultura popular.

O objetivo da primeira hora era conquistar o aluno, elevando sua autoimagem. Era exibido um *slide*, colorido, com desenho bem ajustado à cultura popular, mostrando uma paisagem do sertão. Tudo ali era facilmente reconhecível por todos os alunos, o que transmitia a eles a ideia de que sabiam mais do que imaginavam. Depois, na mesma paisagem natural eram introduzidos elementos de cultura: uma casa, uma cerca, o homem, a mulher. E o que se perguntava era também fácil de responder: o que é que era parte da natureza e o que é que era feito pelo homem.

Nunca, antes ou depois, vi um modo tão claro e simples de estabelecer o que é objeto de natureza e objeto de cultura, o que não é fácil até para alguns dos bons filósofos contemporâneos.

Foi a primeira grande surpresa: numa das turmas houve uma discussão filosófica acalorada porque todos acertaram o que era de natureza e o que era de cultura, mas houve divergência quanto ao próprio homem. Segundo uns, o homem era um objeto de natureza; segundo outros, de cultura, "porque foi feito pelo homem". Um debate enriquecedor e que deu o que pensar.

Outro episódio interessante envolvia as sílabas, que não eram chamadas assim. A palavra-chave era belota, aquele pendurucalho que enfeita as redes. Então, havia a família do *ba, be, bi, bo, bu* e havia a família do *la, le, li, lo, lu*, assim como

a família do *ta, te, ti, to, tu*. O segredo para fazer palavra era juntar um pedacinho de uma família com um pedacinho de outra, ou pedacinhos da mesma família. Os alunos eram incentivados a juntar pedacinhos e, evidentemente, as primeiras palavras eram de duas sílabas: bala, bola, bebi, tatu.

Era um momento mágico, a revelação, quando os alunos percebiam o mecanismo de construir palavras e tinham sucesso em formá-las, o que faziam com muita alegria e orgulho.

Lá, em Angicos, há uma palavra para a pessoa analfabeta, ignorante: *soturna*. A maioria se dizia “*suturna*”, como eles pronunciam. Depois da aula da descoberta, uma senhora comentou: “Aprendi algumas palavras hoje, mas tem tanta palavra que vai levar muito é tempo pra aprender elas todas”. Ao final da hora seguinte, entrevistei-a e ela já estava consciente: “A gente só tem que aprender como é que faz palavra. Depois é só sair fazendo, todas elas”.

Alguém escreveu a palavra *toli* e o monitor disse que era uma palavra, mas que não valia muito porque não havia nada com esse nome. Mas quem escreveu não se deu por vencido: “Vale sim, é o nome do meu cachorro”.

Um pedreiro entendeu perfeitamente o mecanismo e disse que cada pedacinho da família era como um tijolo. Fazer uma palavra era como fazer uma parede: era preciso juntar tijolinhos. Paulo Freire gostou muito da imagem da construção.

Em outra turma alguém escreveu *potó* e, novamente, o monitor informou que era uma palavra sem valor, porque não havia nada com o nome de *potó*. Foi uma risada na turma e o cidadão explicou o motivo de tanto riso: “Se você for tomar banho nu na represa, quando o potó entrar no seu rabo você vai ver, saber que ele existe”.

No dia em que, finalmente, os dois relatórios passaram a ser um só, o povo da Aliança para o Progresso foi avisado do que havia sido necessário fazer, por conta do alto nível de exigência do caderno de encargos. Foi um escândalo. Não só por terem sido enganados, como porque o caderno havia servido de modelo em toda a América Latina. Logo começaram a desembarcar em Natal os congressistas, deputados e senadores, governistas e de oposição, militares e agentes especiais que revolveram todas as contas e relatórios, até que se convenceram de que não havia desvio de verbas e que, simplesmente, algumas contas serviram para pagar a equipe paulista.

No campo político, Aluísio estava sofrendo mais com a sua própria gente do que com a oposição. Havia muita desconfiança entre os coronéis do interior e dois episódios agravaram a desconfiança.

Em um deles, um trabalhador, cansado de esperar por sua justa paga e ciente dos seus direitos de cidadão aprendidos em sala de aula, exigiu seu pagamento. O patrão deu a ele uma carta e mandou que fosse procurar um outro dono de terras, em cidade distante, para receber o que lhe era devido e até um abono. Foi. Mas, de sabido, abriu a carta e leu. Era uma ordem para matá-lo. Foi um escândalo.

No outro, estalou uma greve em Angicos. O povo das frentes de trabalho recusava-se a trabalhar porque não estava recebendo salário. O governador irritou-se

muito, porque a verba federal não havia faltado e seu secretário da Fazenda informava que o dinheiro havia seguido sem falta. Aluísio pediu que eu verificasse o que estava havendo. Estava magoado porque um dos líderes da greve era aluno. Fui conversar com os líderes e eles disseram que estavam recebendo dinheiro porque o prefeito tirava do próprio bolso para emprestar a eles. Com juro. Na verdade, o prefeito emprestava aos trabalhadores o próprio dinheiro deles. Esse prefeito era irmão do governador. Foi outro escândalo que arrancou do então chefe da Casa Civil um comentário que corria entre os coronéis do sertão: “Esse povo tá ficando sabido demais”.

No encerramento das 40 horas, mais um momento emocionante: o presidente da República, Jango Goulart, estaria presente. O pessoal do protocolo da Presidência e do governo do Estado decidiu: não haveria discurso ou fala de qualquer alfabetizado. Calazans ainda tentou, junto a Aluísio, abrir um espaço de três minutos, mas o chefe da Casa Civil do governo do Estado, um ex-sargento (que, a propósito, era contra o projeto) vetou terminantemente.

Na hora da cerimônia, com apoio dos monitores e do próprio Calazans Fernandes, o Sr. Antônio se levantou depois dos discursos e pediu a palavra a *Sua Majestade*. Jango riu. E ouviu um agradecimento, porque, de todos os presidentes da República, só Getúlio Vargas havia estado no Nordeste, na época da fome da barriga. Jango Goulart foi o primeiro a ir, *na época da fome da cabeça*. Foi o mais aplaudido.

A reportagem e o filme sobre as 40 horas de Angicos, mais tarde, criaram problemas para mim. Já estava novamente no Rio de Janeiro quando um amigo, oficial da Força Aérea Brasileira (FAB), passou-me a informação: eu estava sendo processado em Natal como réu revel, acusado como comunista e subversivo num inquérito policial militar.

Alguns amigos da Aeronáutica, que me conheciam bem havia muito tempo, resolveram levar-me a Natal para depor, com a promessa de que me trariam de volta. Quem liderava o grupo era o major Vaz, depois assassinado (no chamado crime da rua Toneleiros) por dar proteção a Carlos Lacerda.

Quem me interrogou foi o temido coronel Ibiapina, insistindo na tese de que todos os envolvidos no processo de alfabetização eram corruptos e comunistas. Disse a ele que as contas eram rigorosamente prestadas a quem entrava com o dinheiro e que nunca houvera qualquer problema com elas. E que Paulo Freire, além de católico, era papa-hóstia, praticante de comungar todo domingo. Ouvi dele que Paulo Freire era um inocente útil.

O pior momento foi quando perguntei a ele se o general Murici também era comunista. O coronel indignou-se, disse que eu não podia perguntar, que só ele fazia perguntas. “Eu perguntei porque o senhor insiste em dizer que o método é comunista

e que todos os que se envolveram com ele também são. E o general está envolvido". Dito isto, calei-me.

O coronel quis saber do que é que eu estava falando. Então contei que o general havia visitado Angicos, em roupas civis, conversado com os alunos e ficara impressionado com os resultados. A tal ponto que determinou que todos os recrutas do Exército sob o seu comando deveriam ser alfabetizados, antes de dar baixa. Paulo Freire preparou as fichas da alfabetização com palavras do dia a dia no quartel, e o coronel não sabia, mas, embora o método estivesse proibido no Brasil inteiro, continuava sendo aplicado nos quartéis da região. Fui solto.

A chamada Revolução exterminou com o mais bonito, competente e barato projeto de alfabetização. Os pedagogos criticaram porque os alfabetizados podiam escrever casa com esse ou com zê, sem levar em conta que o objetivo da alfabetização era alcançado: permitir a comunicação escrita. E com uma vantagem: como o processo é mágico, não havia analfabetismo regressivo, como nos métodos tradicionais.

Pobres argumentos. Mas, no fundo, no fundo, o que determinou mesmo o fim do projeto não foram os Círculos de Cultura em lugar das salas de aula, não foi a valorização da cultura popular; menos ainda, as palavras-geradoras. O notável silêncio que até hoje envolve Angicos e o método Paulo Freire, e o impedimento de retomá-lo foi um conceito só: a conscientização. Alfabetizado ainda vai, mas com consciência de cidadão também já é querer demais.

Relembro, arrepiado, as palavras do general Humberto Castelo Branco, comandante do IV Exército e tido como um dos oficiais mais bem informados e intelectualizados do Exército, depois da cerimônia. Enquanto Jango sonhava em alfabetizar um milhão de brasileiros, rapidamente, e queria saber como, Castelo disse a Calazans, em tom premonitório: "Meu jovem, você está criando cascavéis no sertão".

129

Luiz Lobo é jornalista aposentado. Foi assessor do Unicef para a América Latina e o Caribe e da Unesco para a área de Educação. Recebeu o título de Jornalista Amigo da Criança, concedido pela Abrinq, e dirigiu o Grupo de Jornalistas para a Divulgação da Ciência.

Recebido em 22 de outubro de 2013.

Aprovado em 6 de novembro de 2013.